



3976 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)  
GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

#### VOZES DO QUINGOMA: DAS PRÁTICAS SOCIAIS AO CURRÍCULO ESCOLAR

Tássio Simões Cardoso - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

O presente artigo buscou identificar práticas sociais em um quilombo(Ba) e como estas podem contribuir para o diálogo entre comunidade e escola. Assim, identificamos um currículo praticado capaz de promover uma maior integração entre saber tradicional e conhecimento científico. Concluímos que, as práticas sociais ao entrarem em contato com os conteúdos formais, podem potencializar processos educativos mais significativos.

Palavra-chaves. (Educação. Práticas Sociais. Comunidade Quilombola)

#### 1. Vozes Iniciais: Da abordagem de Estudo à Reificação do Objeto.

Neste estudo, buscamos identificar e analisar as práticas sociais que emergem dos processos formativos e tecnológicos que há na comunidade quilombola do Quingoma, localizada no município de Lauro de Freitas, Região Metropolitana de Salvador (Bahia) e suas implicações no currículo formal. Para tal, entendemos que os saberes e as práticas sociais construídas e exercidas nesse território particular envolvem processos formativos e tecnológicos que formam um currículo praticado que pode ser inserido e valorizado na escola da comunidade.

Entendemos currículo praticado na perspectiva de Ferrazo (2008) enquanto uma rede de saberes, poderes e fazeres tecida no cotidiano escolar e para além dele. Assim, partimos da premissa de que as práticas sociais formam um currículo quilombola socialmente praticado que, ao entrarem em contato com os conteúdos disciplinares, podem potencializar processos de ensino-aprendizagem mais significativos, contextualizados e problematizadores.

Na acepção da Teoria das Representações Sociais, Jodelet (1989) e Moscovici (1961) afirmam que as práticas sociais refletem o conjunto de crenças, valores, ideias, opiniões e estereótipos que circulam e são compartilhados nos grupos sociais. Assim, na comunidade do Quingoma, essas práticas são compartilhadas como processos formativos na medida em que contribuem para a transformação do sujeito e do meio no qual ele vive. Entende-se também que esses conceitos se articulam com os aspectos tecnológicos, uma vez que Hetkowski (2006) alega que tecnologia são processos humanos criativos por meio dos quais os seres humanos utilizam recursos materiais e simbólicos, tendo em vista a resolução de problemas diários.

Esse trabalho é oriundo de uma pesquisa qualitativa de abordagem participante, no contexto do Mestrado de Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC), da Universidade Estadual da Bahia e desenvolvida no Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Representações, Educação e Sustentabilidade (GIPRES), intitulada "Vozes do Quingoma: processos formativos e tecnológicos como contributos para o diálogo entre currículos praticados e escolares".

O caminho investigativo pautado, envolve o território do Quingoma, localizado no município de Lauro de Freitas, Região Metropolitana de Salvador (BA) e a escola municipal do Quingoma que situa-se dentro da comunidade. Assim, buscaremos identificar e refletir sobre as práticas sociais locais articulando esses dois espaços educativos de formação. Logo, antes de apresentar estas práticas, faz-se necessário situar o quilombo no tempo e espaço.

Segundo os estudos de Freitas (2008), os negros trazidos da África chegaram à região por volta do século XVIII para trabalhar como escravizados nos vários engenhos ao longo do litoral norte. Como não suportavam o sistema de exploração e a negação da sua identidade cultural, fugiram para comunidades de resistência que se formaram nas redondezas da antiga Freguesia de Santo Amaro do Ipitanga, atual Lauro de Freitas.

É nesse contexto histórico de fortalecimento do tráfico negreiro que a tessitura social do Quingoma começa a se formar; negros refugiados – oriundos basicamente da Fazenda Caji, Fazenda Sá e Fazenda Nossa Senhora da Conceição – buscavam, na mata fechada e no relevo acidentado da região, ressignificar suas práticas sociais e culturais numa trama de conflitos, sonhos e esperança. Para Reis (2003) o Quilombo era como um ajuntamento de emoções e práticas que envolviam "alegria, apreensão, correrias, conflito e morte".

Na contemporaneidade, há segundo o Relatório Antropológico do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) cerca de 464 residências quilombolas, além de uma Reserva indígena no qual vivem quatro famílias das etnias kariiri-Xoco e Fulni-ô. Este agrupamento chegou no Quingoma há mais de vinte anos e desenvolve no território diversas práticas culturais, tais como: artesanato, pintura corporal e o toré.

O território quilombola do Quingoma está localizado no município de Lauro de Freitas, Região Metropolitana de Salvador. Embora apresente uma configuração com aspectos rurais à área é classificada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010) como "Área urbanizada de cidade". Em 2013 o território foi reconhecido pela Fundação Palmares como quilombola e no presente momento as famílias tradicionais lutam pela titulação da terra, processo este que se encontra em tramitação no INCRA.

Esta comunidade negra faz parte da Área de Preservação Ambiental Joanes-Ipitanga (área total de 64.463 hectares), que abrange também os municípios de Camaçari, Simões Filho, São Francisco do Conde, Candeias, São Sebastião do Passé, Dias D'Ávila e Salvador. A figura 1 localiza o quilombo na região metropolitana de Salvador e no município de Lauro de Freitas.

Diante destas notas iniciais, formulamos as seguintes questões: Quais as práticas sociais que emergem dos processos formativos e tecnológicos existentes no Quingoma e como essas práticas podem contribuir para o diálogo entre escola e comunidade? Quais as implicações destas práticas no currículo escolar? Com o intuito de buscar pistas para estas problemáticas utilizamos como dispositivos de coleta de dados o questionário, o grupo focal, a observação participante e análise documental.

## **2. Práticas Sociais Quilombolas e Implicações no Currículo Escolar.**

Por meio destes dispositivos de coleta de dados revelou-se a existência de diversas práticas sociais que são tecidas no seio das experiências cotidianas dessa comunidade negra quilombola. Tais saberes locais foram agrupados nas seguintes categorias: a) Manifestações Culturais; b) Registros e Memórias; c) Práticas esportivas d) Manifestações religiosas; e) Economia de Subsistência. Estas práticas revelam processos educativos que precisam ser valorizados pelo currículo escolar.

Apesar da diversidade de atividades identificadas, as manifestações culturais e a arte de contar histórias emergiram com maior expressividade nas narrativas dos quilombolas. A partir das ideias de Ferraço (2009), Nilda Alves (2008), Bomfim (2009) e principalmente das vozes dos próprios Quilombolas do Quingoma (2018) traduzimos estas práticas sociais e saberes locais como um currículo quilombola socialmente praticado (CQSP) que precisa ser associado aos conteúdos escolares e científicos, tendo em vista a emancipação dos sujeitos e a transformação social. Este currículo pode ser entendido como uma rede criativa/transformativa de poderes, saberes e fazeres no qual acontece processos de ensino/aprendizagem baseados em decisões horizontais contra hegemônicas, integração do ser humano com a natureza e uma po(ética) subversiva inspirada no cotidiano vivido e na tradição, capaz de afirmar identidades, atitudes e valores contra toda e qualquer forma de opressão.

Para compreender melhor este CQPS, apresentamos no próximo tópico importantes manifestações culturais que caracterizam o cotidiano vivido desta comunidade negra. As falas dos três entrevistados e a observação participante apontaram para um conjunto de manifestações culturais de movimento que têm como base o Samba de Roda, a Capoeira, o Maculelê, o Toré e as Danças Afros de Celebração dos Orixás. Notamos, a partir destas vozes, que estas práticas formam um "rizoma" criativo de saberes e poderes caracterizado por uma resistência histórico-cultural capaz de atribuir sentido e unidade ao grupo, reforçando identidades, valores e a própria história da comunidade. Além disso, tais práticas revelam uma política de afirmação identitária que busca superar as várias formas de opressão, afastando, por exemplo, muitos jovens do mundo da criminalidade. Podemos observar na fala de uma das lideranças locais a importância destas práticas para a comunidade:

"As práticas sociais que tem no Kingoma. Vamos começar... né pelo samba de roda que é uma tradição, que hoje eu reconheço que não é apenas tradição mais uma forma de resistência. [...] mas ela combina com o maculele, a capoeira. A capoeira é um elo que alenca todo esse processo de movimento. Não só a capoeira propriamente dita, mais todo esse movimento que traz esses meninos que estão aí." (Joanes, 2018).

O samba de roda aparece como a prática cultural mais forte da comunidade. Um rito transcendente de resistência e fé por meio do qual os quilombolas cantam suas histórias, educam os mais jovens e reverenciam os mais velhos.

As narrativas quilombolas revelaram a força de uma outra roda, mas dessa vez a de capoeira. Observamos esta prática social acontecendo a céu aberto nas ruas do Quilombo. Estas manifestações culturais refletem às influências dos africanos que formaram o quilombo. Logo, tal conhecimento ancestral foi transmitido de geração a geração, ou seja, faz parte da memória social e histórica do grupo em seu processo permanente de reconstrução de si.

Durante todo o processo investigativo buscamos identificar e analisar as práticas sociais que emergem dos processos formativos e tecnológicos existentes na comunidade do Quingoma e como estas práticas podem contribuir para o diálogo entre comunidade e escola.

Identificamos manifestações culturais que possui o poder de criar nos sujeitos que as vivenciam amplos processos subjetivos e sociais de criação e transformação. Esta cultura local materializada pelo samba de roda, maculelê, capoeira, danças afro e o toré indígena, associada ao aparato tecnológico/formativo das práticas de subsistência, a arte de contar histórias, bem como festejos religiosos e práticas esportivas, formam um amplo, diverso e complexo currículo quilombola socialmente praticado que tem como base pedagogias e epistemologias poéticas subversivas que, ao entrarem em contato com os conhecimentos disciplinares do currículo oficial, podem potencializar processos de ensino-aprendizagem, tornando-os mais significativos e contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento cognitivo, sócio-afetivo e identitário de todos os atores sociais envolvidos no processo educativo.

Assim, realizamos um fórum permanente de educação quilombola e indígena e uma agenda baseada no ecoturismo no qual buscamos promover uma maior integração entre saber tradicional e conhecimento científico, além de preservar o meio ambiente.

### **Considerações (in)clusivas.**

A educação formal brasileira ainda se encontra alicerçada no modelo "eurocentrado" de educação que prepara o indivíduo para viver em uma sociedade urbana, capitalista e consumista, que não valoriza o conhecimento, os saberes e as práticas produzidas pelas comunidades tradicionais. Este distanciamento entre escola e comunidade provoca currículos engessados caracterizados por práticas pedagógicas despolitizadas que não estimulam os estudantes a interpretar e transformarem o seu cotidiano social. Desse modo, imerso nesse sistema escolar formal, o estudante paulatinamente tem a sua identidade descaracterizada, embora busque criar no próprio cotidiano escolar táticas para expressar seus desejos, vontades e saberes.

A criação do Fórum e da agenda educativa baseada no ecoturismo reflete a natureza ética e política dessa pesquisa, bem como a iteração dialógica e transformadora entre comunidade, escola e universidade, tendo em vista a transversalidade entre saberes científicos, indígenas e quilombolas.

Assim, nos interessa não apenas interpretar a realidade, mas também contribuir com a sua transformação. Portanto, esperamos que as contribuições epistemológicas, pedagógicas, sociais e políticas desse trabalho contribuam de fato para o desenvolvimento educacional do Quilombo do Quingoma e de outras comunidades negras, bem como também possam ser fontes de inspiração para novas pesquisas teóricas e práticas intervencionistas.

### **Referências Bibliográficas.**

ALVES, Nilda et al. (Org.). **Criar currículo no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2002.

BOMFIM, Natanael Reis. **Noção Social do Território**: em busca de um conceito didático em Geografia: a territorialidade. Ilhéus/BA: Editus, 2009.

FERRAÇO. (Org.). **Currículo e educação básica**: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires. Rio de Janeiro: Rovelte, 2011.

FERRAÇO. Currículos e conhecimentos em rede. In: ALVES, N.; GARCIA, R. L. (Org.). **O sentido da escola**. 5. ed. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2008b. p. 101-124.

FREITAS; PARANHOS. **Livro da história de Lauro de Freitas**: antiga Freguesia de Santo Amaro do Ipitanga. 1608-2008: 400 anos. 3. Ed. Local JSP – Jornal e gráfica LTDA., 2008.

LIMA JR., Arnaud S. de. **Tecnologias inteligentes e educação**: currículo hipertextual. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: Investigações em Psicologia Social. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Liberdade por um fio**. História dos Quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil**: a história do levante dos malês em 1835. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.